

# Leituras de Freud a partir de um livro: uma reflexão

Decio Gurfinkel

Como, no Departamento de Psicanálise do Sedes, lemos Freud? Será possível esboçar um desenho ou uma imagem deste trabalho? É o que objetiva este artigo, a partir do livro *Freud: um Ciclo de Leituras*.

O Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae tem se caracterizado por uma proposta de “trabalho com Freud”, contínuo e inesgotável, como princípio de uma formação “interminável” e como modalidade mesma de fazer e pensar a psicanálise. O objetivo do presente artigo é esboçar, através de um recorte pessoal e parcial, um desenho que contenha alguns traços reconhecíveis de uma maneira de ler Freud própria deste Departamento.

O material que será utilizado para tal tarefa é o livro *Freud: um ciclo de leituras*.<sup>1</sup> Trata-se do registro editorial de um ciclo de debates em torno da obra de Freud, realizado em 1995. Na verdade, este ciclo reflete e condensa o trabalho de um grupo de analistas de São

Paulo que vem, há vinte anos, dedicando-se à construção de um espaço de interlocução, de desenvolvimento da psicanálise e de formação contínua que, hoje, está assentado sobre uma organização institucional definida. Freud é, neste Departamento, a base de seu projeto de formação, assim como o eixo e o próprio meio de trabalhar a psicanálise. Sem dúvida, Freud constitui uma marca sua. O ciclo e o livro representam um momento importante de “colheita de frutos” destes anos de trabalho, assim como da importante tarefa de compartilhá-los com outros analistas e pensadores afins. Quem é do

**Decio Gurfinkel** é membro do Departamento de Psicanálise e professor dos Cursos de Psicossomática e de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Departamento sabe da importância afetiva de ambos; quem esteve presente no ciclo deve se lembrar do anfiteatro lotado e do clima eufórico, alegre e compenetrado das apresentações e debates subsequentes. Quem, agora, tem acesso ao texto impresso, pode constatar a riqueza, a seriedade e a inesgotabilidade do material que o compõe.

O livro revelou-se o material mais adequado para empreender uma pesquisa sobre como se lê Freud neste Departamento. A complexidade desta tarefa é considerável, e buscarei me ater a um nível mais descritivo-fenomenológico do que interpretativo-analítico, tendo como meta um trabalho de *reflexão* cujo sentido se depreenderá ao final do trajeto. Deixarei de discutir, por ora, se há uma “unidade”, “uma maneira” de ler Freud própria do Departamento, ou traços fundamentais a serem identificados, reconhecidos, etc.; objetivo apenas um levantamento de dados preliminar a uma tarefa investigativa a ser levada adiante.

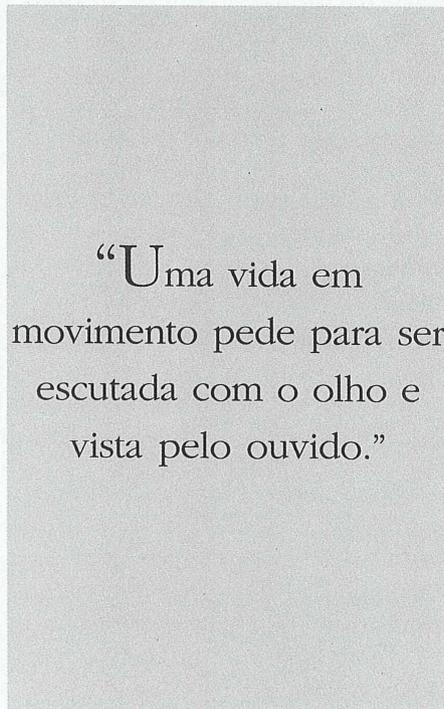
## Um certo ciclo de leituras

O livro reproduz a estrutura do ciclo: foram sete mesas redondas compostas por duas apresentações individuais e um debate com o público, conduzidas por um coordenador e centradas, cada uma, em um texto específico de Freud. Realizarei um recorte deste vasto material, buscando oferecer ao leitor uma visão panorâmica de seu conjunto e ir modelando, ao mesmo tempo, uma forma inicial que nos permita visualizar as “leituras de Freud”.<sup>2</sup>

### 1

A primeira mesa é dedicada à *Interpretação dos sonhos* (1900), através das leituras de Renata Udler Cromberg e de Janete Frochtengarten.

Cromberg inicia sua exposição com uma retrospectiva da epopéia realizada nesta obra fundante, tanto no que se refere ao “herói” Freud - “no ápice de seu esplêndido isolamento” (p. 13)<sup>3</sup> - quanto em relação ao caminho percorrido pelo pensamento; a metáfora do “explorador nas montanhas”, do início do capítulo III, é posta em destaque para figurar esta caminhada. Em



seguida, a autora apresenta o seu tema principal - o sonho como paradigma da situação analítica - e utiliza-se de dois fragmentos clínicos para a um só tempo ilustrar, explicitar e enriquecer esta rica maneira de conceber o trabalho analítico, com a qual se identifica. A partir do primeiro, compreendemos que é o próprio sonho que cria o campo da transferência, o que provoca no analista uma espécie de “cinema particular” por efeito da capacidade metafórica da fala do analisando. A “dimensão cinematográfica” do sonho é ressaltada - “uma vida em movimento pede para ser escutada com o olho e vista pelos ouvidos” (p. 24) - tendo como referência a noção de “pensamento por imagens” que se depreende da ten-

dência à figurabilidade apontada por Freud no trabalho do sonho. Através do segundo fragmento clínico, Cromberg nos alerta quanto ao que se pode perder ao prescindirmos de uma “escuta por imagens”, atendo-nos unicamente à escuta da repetição significativa no plano pré-consciente. A autora critica, assim, “o peso opressivo de uma transcendência inexorável do lugar simbólico” (p. 29), e ressalta o valor da “função imaginativa” do analista, que não deve ser confundida, porém, com uma “escuta imaginizada”.

Frochtengarten, para comentar a obra dos sonhos, nos propõe um agradável passeio por um texto literário - ou pelas ruínas do México - e, no *alter-ego* do senhor Palomar (personagem de Ítalo Calvino), nos introduz em um modo singular de aproximação do texto psicanalítico que é viagem e visita a antigos templos, que é pesquisa científica e ficar boquiaberto diante do enigma, que é processo de descoberta acompanhado por um guia e a solidão de ter que decidir afinal “quem tem razão”. Há aqui, como declara a autora, uma proposta de leitura de Freud; há também uma maneira de descrever os movimentos de Freud no texto dos sonhos, ilustrados com clareza e precisão através de algumas passagens colocadas em destaque; mas creio que o que no texto entrevemos é fundamentalmente uma proposta quanto ao fazer psicanalítico, seja no trabalho com a teoria, seja com a clínica. Trata-se da proposição de um método: “um pensar que contém suas próprias pausas” (p. 37); neste sentido, o pensamento psicanalítico não seria nem um “tentar tudo saber” nem um “permanente se deter frente ao desconhecido”. Estas são as duas atitudes que um Palomar admirado e oscilante presencia, ao visitar as ruínas, na figura de dois “guias” que acompanham os visitantes, e é no trânsito entre estas duas posições que Frochtengarten resgata o método freudiano. A sua proposta é,

pois, de uma “leitura em ziguezague” que revela um Freud “em passagem”, “entre”, e que teve a coragem de prosseguir sustentando estes “movimentos atordoantes” ao longo de sua obra.

Há na exposição das duas autoras, como se vê, a busca de extrair da *Interpretação dos sonhos* um princípio latente que funda um método e um saber singulares, e que cabe ser resgatado e revigorado na prática que hoje fazemos da análise. Interpretar, sim - por “um ímpeto a ligar, a tecer, e a tornar a tecer” (Frochtengarten, p. 38) - mas conservando também o “respeito pelo segredo, pelo que não se deixa domar, pelo que não é apreensível” (p. 39), implicado na idéia freudiana do “umbigo do sonho”. Esta idéia parece estar conectada com o modelo metafórico proposto por Cromberg para o trabalho psíquico: a tecitura da trama uterina que forma a bolsa placentária e que se desfaz, ao entregar seu fruto. A mesma atenção dedicada aos “limites da interpretação” pode ser percebida, ainda, no tratamento dado por Cromberg aos dois tipos de sonho propostos por Artemidoro, sendo os do segundo tipo - os “sonhos do ser”, em contraste com os “sonhos de desejo” - mais próximos às problematizações surgidas na obra de Freud a partir de 1920. As “pausas do pensamento” talvez estejam ligadas a uma faceta feminina da função imaginativa do analista - qualquer que seja seu sexo “manifesto” - já anunciada no livro dos sonhos, pois, “ainda que se tente exorcizar a mãe do primeiro narcisismo, ela subsiste invisível no umbigo, às portas do caos cósmico que nos habita” (Cromberg, p. 29). As mães e seus produtos! Curioso contraponto à obra que, segundo seu próprio autor, tem o valor subjetivo de representar uma reação à morte de seu pai e indica, portanto, o heróico ato sublimatório de um luto e que tem como resultado a primeira formulação do complexo de Édipo.

Do ponto de vista feminino, a castração pode ser vivida mais como uma “angústia de crescimento” - síndrome de Pinóquio - do que como uma “angústia de perda.”

O ziguezague proposto por Frochtengarten pode, pois, bem ser re-descrito em termos da oscilação entre a função simbólica do pai e a matriz materna do “ser”.

## 2

Na segunda mesa, os textos em foco são *A organização genital infantil* (1923), comentado por Ana Maria Sigal, e *Consequências psíquicas da diferença sexual anatômica* (1925), a cargo de Maria Aparecida Kfoury Aidar.

Sigal norteia a sua exposição a partir de duas questões: a necessidade de diferenciar o *genital* do *sexual* e a proposição da primazia do falo como organizador da sexualidade. Quanto à primeira, a autora sustenta ser justamente a sexualidade infantil o paradigmático em psicanálise; mas concebe-a articulada à noção de desejo, ou seja, como construção ligada à intersubjetividade, em oposição a uma referência estrita ao biológico. Quanto à questão do “falo como organizador”, Sigal enfatiza como neste texto Freud “amalgama de vez a castração à constituição da sexualidade”, e é justamente o Édipo articulado à castração que irá determinar “o destino da neurose e a subjetivação” (p. 63). Mas é nos comentários sobre a sexualidade feminina que, a

meu ver, encontramos o ponto alto do texto, pois aí se observa que há um problema - de ordem epistemológica - decorrente do fato de Freud assimilar o genérico humano ao masculino; a autora discute certas implicações desta escolha e sugere algumas alternativas possíveis, como a idéia de que a castração, do ponto de vista feminino, pode ser vivida mais como uma “angústia de crescimento” - em uma espécie de “síndrome de Pinóquio” - do que como uma “angústia de perda”. Propõe, por fim, considerarmos que existam tantas sexuações quanto sujeitos, e problematiza a assimilação direta dos termos da série ativo-fálico-masculino (e de seus opostos passivo-castrado-feminino).

Aidar toma como foco, na discussão do texto de 1925, a questão da bissexualidade: “o complexo de Édipo, organizado pela castração, articula-se como masculino/feminino no intrapsíquico a partir da disposição bissexual” (p. 70). A autora parte de uma visão de psicanálise como irreduzível à biologia: importa mais as “consequências psíquicas” - “a cultura inscrita no corpo” (p. 71) - do que o que poder-se-ia depreender da expressão “a anatomia é o destino”. O “organizador” é de natureza simbólica e não pulsional, e a pergunta passa a ser: a partir da disposição bissexual, como surgem mulher e homem? Após re-

tomar os principais passos do processo de sexuação do menino e da menina segundo Freud, problematiza algumas questões implicadas neste pensamento: a “hierarquia imposta aos sexos por determinantes da ideologia e da cultura” (p. 76) e a formulação das diferenças entre homem e mulher na constituição do ideal e do superego. Por fim, utilizando-se da idéia de que somos compostos por “pedaços” de masculino e de feminino que “se encontram e se desencontram”, propõe considerarmos o complexo de Édipo como tendo dentro de si homem e mulher, concepção que “ajuda na abertura da escuta e em um trabalho no sentido oposto à cristalização” (p. 76).

Pode-se observar nos trabalhos de Sigal e de Aidar uma confluência grande de idéias, já que ambas partem de uma concepção de sexualidade avessa à biologia - e portanto ressaltam a importância do outro e da cultura na constituição da subjetividade e da sexualidade. Ambas enfatizam a castração e o complexo de Édipo como organizadores e articuladores desta relação sujeito/cultura, e, nos dois casos, podemos acompanhar uma problematização - por caminhos diversos - do lugar reservado à mulher e ao feminino na obra de Freud.

É curioso notar como a questão do feminino, que nasce da “brecha” do umbigo do sonho na primeira mesa, prossegue, dialogando agora com o falo em um lugar análogo ao *furor interpretandi*... Mas, se nas vésperas da virada do século nos deparamos com um Freud pioneiro, explorando as montanhas alpinas com suas “crianças”, sonhando na sua estada de veraneio e, nestas “pausas”, vivendo a “revelação do segredo dos sonhos” (conforme estaria escrito na placa por ele imaginada), depois de mais de vinte anos já não se trata da fundação de um método e de um modelo de “aparelho psíquico” a partir do paradigma do sonho, e sim de,

consolidado o método, mover-se de um “aparelho psíquico” para um “sujeito psíquico”, este agora mais claramente imerso na cultura e em um interjogo fantasmático familiar que o constitui; e, interpolando estes dois momentos, uma teoria sobre a sexualidade.

### 3

Na mesa que se segue, vemos como o “trabalho com a pulsão” pode se dar de maneira diversa: estamos com o Freud de 1910. Aqui, é menos o organizador edipiano e mais o caráter polimorfo perverso da sexualidade infantil e o rico interjogo das pulsões parciais que lhe são próprias - juntamente com sua contra-face, o recalamento - que é posto em destaque. *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci* (1910) é tratado por Lucia Barbero Fuks e Silvia Leonor Alonso segundo ângulos diferentes e complementares; a primeira enfoca, a partir do “artista/cientista” Leonardo, a sublimação, e a segunda, a partir de sua lembrança infantil, a natureza mesma da memória e a questão correlata da temporalidade.

A exposição de Fuks inicia com a indagação: como surge “o anseio por saber”? É certamente a investigação sexual infantil o seu protótipo para toda a vida, animada pelas pulsões parciais de ver e de investi-

gar (epistemofílica). Ao apontar os três destinos possíveis desta investigação, a autora trabalha a diferença entre retorno neurótico do recalado e sublimação: “no primeiro caso teríamos a sexualização do pensamento e, no segundo, uma dessexualização da investigação sexual” (p. 98). Fuks retoma o “caso” Leonardo para destacar o par ver/saber ligado à duplicidade do pintor/cientista. O pintor estaria mais próximo das fontes, dos fins e dos objetos primários da pulsão, enquanto o investigador apresentaria “um coeficiente de sublimação maior” (p. 102); no primeiro caso, ele teria ficado mais preso às limitações neuróticas que o recalamento impõe. A autora retoma e revaloriza, assim, a sublimação como saída possível diante do conflito entre o pulsional e a pressão das forças que se lhe opõem - nas quais se situa o recalamento - mas a concebe não como uma função adaptativa e sim como essencialmente criativa: trata-se de poder “transformar nossas fraquezas em forças” (Hornstein, *apud* Fuks, p. 104).

Alonso centra sua reflexão sobre a análise da constituição da lembrança infantil. Pergunta-se, então: trata-se de uma lembrança ou de uma fantasia? Aponta como “Freud desfaz a oposição radical fantasia-realidade, interioridade-exterioridade” (p. 110), e retoma o modelo de “Lembranças encobridoras” se-

“No retorno neurótico do recalado, temos a sexualização do pensamento; na sublimação, uma dessexualização da investigação sexual.”



sejo dele de tornar o paciente seu genro! O trabalho em “três tempos” realizado por Monteiro - a “transferência” *antes do, no e depois do* relato clínico - parece coadunar bem com o tema “transferência”, que se refere justamente à mistura dos tempos do infantil, da neurose e da situação analítica, até sua fusão na “neurose de transferência”.

O “flerte com a morte” e os traumatismos desorganizadores na fase inicial do Édipo são destacados na leitura de “luto e melancolia”.

A leitura de Delorenzo consiste em reinterpretar o caso do Homem dos Ratos através do conceito de superego, posteriormente forjado. Este método de trabalho nos lembra aquela recomendação de Freud sobre o valor e a utilidade de voltarmos a interpretar um sonho depois de muito tempo. “Re-sonhar” desta maneira o caso do Homem dos Ratos é mais um sinal de que a concepção freudiana de temporalidade antes referida aplica-se muito bem ao próprio trabalho com a teoria, conduzindo a um resultado instigante. Retomando a identificação capitão-pai, a autora retraça a complexa rede associativa ligada à problemática da dívida do paciente de Freud, na qual o desafio à or-

dem do capitão equivale ao crime de pensamento (desejo de morte do pai), e o crime exige o castigo na forma de “compulsiva obediência à injustificada exigência de seu superior”; assim, “ao impulso homicida primário, segue-se o mandato punitivo que acaba por se constituir tão colérico e assassino quanto o próprio ódio pelo objeto” (p. 149). Como ressalta Delorenzo, se o conceito de superego está ausente na teorização, ele está clinicamente presente; “vemos emergir do profundo do recalcado sua face torturante, imperativos que como ratos surgem furando, cavando, se infiltrando através dos pensamentos, ratos aviltantes, coléricos e ferozes, que são a expressão cabal desse *sadismo atuante no inconsciente na qualidade de ódio*” (p. 150).

Ora, levando-se em conta as conexões analista-capitão e capitão-pai, poder-se-ia pensar que nesta “transferência” identificada no caso do Homem dos Ratos - e isto quase como uma tonalidade geral da transferência nas análises de obsessivos - ocorre uma reencenação da relação intrapsíquica entre ego e superego, carregada de ódio e ambivalência. A face sombria deste “traço caracterológico” de transferência é a reação terapêutica negativa, referida por Freud em 1923 ao sentimento inconsciente de culpa, cuja ação mutiladora ele só pôde compreender através do conceito de pulsão de morte.

## 5

O texto abordado em seguida é *Luto e Melancolia* (1915). Tratando de uma outra configuração psicopatológica que, no entanto, guarda uma grande conexão com a anterior, o presente artigo é, por sua vez, mais metapsicológico sem deixar de ser clínico. A questão da melancolia, no entanto, parece ter um grau maior de significação para a existência humana em geral. Esta

significação mais ampla - que pode ser encontrada na neurose obsessiva, na problemática da religião e na função dos rituais e dos tabus - já ficara evidenciada na proposição por M. Klein de uma “posição depressiva” como passagem estrutural e estruturante do psiquismo ou, como nos lembra Rodrigué<sup>4</sup>, na idéia de E. Pichon-Rivière da depressão como “doença única”; mas é por tocar no ponto nevrálgico do “sentido da vida” que a melancolia se torna mais instigante.

Anna Maria Amaral, após destacar certos elementos do texto freudiano, procura relacioná-los a formulações de alguns autores pós-freudianos - Bergeret, Lambotte, Lacan e Winnicott - e com isto propicia uma leitura atual e viva do texto original. Uma observação cuidadosa nos faz ver que estes autores são utilizados com a finalidade de ressaltar as principais preocupações que norteiam a expositora: o “flerte com a morte” do melancólico e os traumatismos desorganizadores em uma fase inicial de constituição do Eu. A morte aponta para um “sem sentido” que nada mais é do que o efeito de uma carência simbólica irremediável, resultado de uma ausência inicial de ancoragem nas vicissitudes da formação do Eu; isto aproximaria o melancólico do *boderline*. “O suicídio viria responder em espelho a uma morte já inscrita... que remontaria a uma fase originária - a do narcisismo primário” (p. 178). Mas é no “destino inelutável” - aquele que não pode fazer o trabalho de luto - que a autora mais nos faz pensar: se o melancólico não perdeu os pais e sim uma “potência anônima” que o deixa sem origem (e talvez sem destino), ele sofre do paradoxal delírio de um excesso de lucidez, pois lhe falta “a ilusão necessária que nos permite viver” (p. 178). A autocrítica delirante tem como contraponto o fato de que “o melancólico apenas capta a verdade com mais agudeza do que outros” (p. 169).

O trabalho de Isabel D. Mainetti de Vilutis, por seu lado, examina em detalhe a montagem de Freud sobre a especificidade da melancolia, que culminará com a formulação das três características que a definem: a escolha de objeto narcísica, a ambivalência afetiva e a predominância da identificação narcísica com o objeto perdido. Os textos posteriores que tratam da segunda tópica e da pulsão de morte serão tomados, então, para complementar este modelo e subsidiar a questão que a autora busca enfatizar: a culpa e a identificação. Se há um componente pulsional que torna o superego violento e sádico, a culpabilidade é decorrente da agressão desferida contra o objeto; mas, por outro lado, pode-se pensar em uma “gênese identificatória do sentimento de culpabilidade” (p. 187). A autora sugere considerarmos a problemática da melancolia como uma impossibilidade de “luto pelo ego ideal”, cuja constituição originária esteve comprometida: “a constituição do ego ideal sofreu o percalço da perda, da ausência e do vazio. Se ninguém responde ao grito infantil, ou se responde sadicamente, ele ecoa indefinidamente como grito de dor e vazio de existência. O ego é nada, é grito, é corpo deserotizado”. Localizada - seja historicamente, seja metapsicologicamente - entre a teoria do narcisismo e a teoria da pulsão de morte, a melancolia exhibe, na sua dor peculiar, “uma identidade resumida e reduzida ao negativo do seu ego ideal.” (p. 188).

Assim, um aspecto instigante da melancolia - derivado do tema da morte, da dor e do “vazio de existência” - é a sua relação com uma atitude estética diante da vida, ou uma espécie de “filosofia existencialista” que lhe seria subjacente. Nesta direção, Amaral afirma que “talvez alguns melancólicos respondam ao efêmero da vida atuando-o, saindo da vida para o nada” (p. 178), e Vilutis sugere que “no melancóli-

co haveria um contato com a Coisa inconsciente, não simbolizada, o que permite a alguns - não a todos - tornarem-se poetas” (p. 196). É por esta via que vislumbramos um fio que liga as últimas três mesas do ciclo: a melancolia, o estranho familiar e a morte; e é surpreendente notar como tanto Amaral quanto Menezes (na última exposição) irão invocar o espectro de Hamlet - melancólico-tipo do nosso “caldo” cultural - , seja quando este fala do efêmero e do desértico da travessia da vida, seja quando, com sua ironia lúcida, denuncia aqueles que julgam fácil a arte de viver e de buscar compreender a alma alheia.

do em detalhe a cena do conto em que Natanael repudia a noiva Clara e grita “seu maldito autômato sem vida!”, Fuks mostra que a perda da função simbólica e da distinção realidade/fantasia se dá como resultado do “pior dos encontros”, em uma espécie de golpe do destino. O outro real - Clara - é convocado em um momento sensível e crucial a um papel de “terapeuta” - “algo novo estava se produzindo, um empuxo sublimatório e criativo que dava curso à elaboração possível, tanto do desejo erótico e da angústia de castrição quanto da experiência de confronto com a morte” (p. 211); mas ela responde com o horror de

A perda da função simbólica e da distinção realidade/fantasia se dá como resultado do "pior dos encontros", numa espécie de golpe do destino.

## 6

A dimensão estética nos brinda com a “cadência de passagem” para a mesa seguinte, que põe em questão *O estranho familiar* (1919).

O fino trabalho realizado por Mario Pablo Fuks integra de maneira feliz reflexão metapsicológica, sensibilidade clínica e trabalho interpretativo que surpreende pelo *insight*: quando algo vem à luz. O foco de interesse do expositor é o sinistro como desencadeador das situações de loucura, e o papel do outro real nesta eclosão. Retoman-

não suportar a força da fantasia inconsciente e com uma destas “frases infelizes” que desmoronam o equilíbrio narcísico conseguido a tanto custo. Esta interpretação perspicaz que revaloriza o efeito do objeto real na vida psíquica - às vezes negligenciado pela psicanálise - permite ao autor questionar os efeitos nefastos de certas “frases infelizes” de um analista no seu trabalho, e ainda, se a chamada reação terapêutica negativa não poderia ser creditada mais a estes “golpes do destino” do que à ação silenciosa da pulsão de morte.

Miriam Chnaiderman, ao trabalhar o sinistro, transita com habilidade entre estética e psicanálise. O seu principal objeto de reflexão parece ser a natureza mesma da experiência estética, sendo *das Unheimliche* o seu protótipo. Mas a noção de “estranhamente familiar” anuncia e está estreitamente ligada, na ótica da autora, ao conceito de pulsão de morte; nela se une “a questão do belo à indagação sobre a morte” (p. 219). Já na idéia do “duplo” - cuja finalidade é desmen-

limites do humano” (p. 230), e relacioná-la, surpreendentemente, com a sublimação e com “um corte transgressivo da pulsão de morte que fecunda o erotismo” (p. 229).

As peças vão aos poucos se encaixando, conversando entre si e fazendo sentido, como no tecer da “máquina” de sonhar. O jovem pintor cientista que eternizou o sorriso de sua musa - por vezes atormentado por abutres que o visitavam - foi o “caso” tomado para tratar da magia da sublimação em uma dialética

Nesta mesa, evidencia-se de modo cabal a importância do texto literário como ferramenta essencial para o psicanalista em seu trabalho psíquico de entretecer clínica e metapsicologia. Não se trata de uma função ilustrativa secundária, mas de um ingrediente constitutivo do pensar a alma humana. Se Chnaiderman faz referência ao romantismo alemão e se Fuks faz uma cuidadosa reconstituição *literária* do conto “O homem de areia”, se encontramos Freud continuamente acompanhado por seu Goethe e por outros interlocutores privilegiados da literatura universal - e se Freud foi justamente condecorado com o Prêmio Goethe em 1930 - não podemos ver nesta dimensão um aspecto meramente super-estrutural ao campo psicanalítico. Assim, o texto de Hoffmann não é apenas a exemplificação de um fenômeno, mas o “caso” inaugural de sua descoberta/invenção para a psicanálise. *Para a psicanálise*, pois no campo da cultura já havia este “conhecimento inconsciente”, como atesta, por exemplo o poeta-melancólico em *Le Horla* de Maupassant: “como é profundo, este mistério do invisível!”<sup>5</sup> “Alguém teria bebido esta água? Quem? Eu? Eu, sem dúvida... Não poderia ser outro além de mim! Então eu estava sonâmbulo, eu vivia, sem o saber, esta dupla vida misteriosa que nos faz suspeitar se há dois seres em nós, ou se um ser estrangeiro, impossível de ser conhecido e invisível, desperta, em certos momentos, quando nossa alma está amortecida, nosso corpo cativo - a ponto de obedecer a este outro como a nós mesmos, mais do que a nós mesmos.”<sup>6</sup> Quem pode afirmar com segurança *desta água não beberei?*

7

Finalmente, a última mesa, que não por acaso trata da pulsão de morte. O texto em causa é *Além do princípio do prazer* (1920). É curioso observar o “anúncio” da chega-

O desmanchamento como matriz da criação, a experiência de fusão com um mundo absolutamente estruturante, são momentos transgressivos na constituição de novos mundos, que questionam os limites do humano.

tir o poder da morte - revela-se uma “negatividade absoluta”, um “vazio entre a coisa e a palavra” (p. 224); mas é no susto e na sensação fugaz do *unheimlich*.

É nas emoções intensas ligadas ao desamparo infantil deste Eu que “perde a si mesmo”, que nos deparamos com a angústia enquanto representante pulsional afetivo indeterminado. Ao remeter o sinistro à ordem do irrepresentável, Chnaiderman supõe “um excesso pulsional que deixa o sujeito à deriva” (p. 226), à maneira do proposto por Freud em *Além do princípio do prazer*. Mas a originalidade maior da autora é tratar esta experiência de “desmanchamento” como matriz da criação, “experiência de fusão com o mundo absolutamente estruturante” (p. 228), “momento transgressivo na constituição de novos mundos que questionam os

com o recalçamento; a melancolia, enquanto poesia-doença, remete a uma dissociação do Eu que é palco de uma relação sado-masquista - situação intra-psíquica que guarda o segredo de uma situação intersubjetiva mutiladora - e conserva a idéia da morte como última possibilidade de simbolização; agora, dissolução do Eu, sublimação e morte compõem um tecido complexo e desnorteante quanto ao que seja “trabalho psíquico” ou sua impossibilidade, e que nos faz indagar “se o conceito de recalque é o que mais se enquadra nessa problemática” (Fuks, p. 207). Ficamos, pois, com o enigma desta dupla face do sinistro: trata-se da loucura que emerge de uma violenta derrocada narcísica ou do momento sublime de “desmanchamento” do Eu no mundo e no objeto enquanto rito de fecundação?

da da segunda teoria pulsional na maioria das exposições, desde a de Cromberg (p. 14) até a de Chnaimer (p. 219), passando pelas de Frochtengarten (p. 42), Alonso (p. 119), Monteiro (p. 141), Delorenzo (p. 153), Vilutis (p. 184), M. Fuks (p. 215), e por alguns momentos dos debates. A pulsão de morte no horizonte, como que nele despontando, é um traço distinguível em diversas das presentes abordagens.

A leitura de Alcimar Alves de Souza Lima revela uma dupla preocupação: integrar o saber psicanalítico com outras áreas do saber - especialmente com uma moderna "filosofia da ciência" - e ressaltar a dupla face do conceito de pulsão de morte (o "caminho mortífero" e a "força/potência virtual"). Partindo do fato de Freud mesmo ter lançado mão, e principalmente no texto de 1920, de modelos da Biologia, da Física, da Mitologia, etc., o autor sugere a criação de um novo solo, sobre o qual se dá uma construção que "não arrasa com a construção anterior" (p. 250); para tanto, utiliza-se das noções de *complexidade* (Morin), *fractal* e *bifurcação* (Mandelbrot), *caos* (Deleuze e Prigogine) e *acontecimento*. A reflexão é conduzida pela concepção de uma atividade pulsional marcada, inicialmente, apenas pela intensidade e pelo movimento, o que produz na experiência psíquica os *acontecimentos*; o *fort-da* e o sonho traumático são tomados como modelos de uma atividade da pulsão de morte que busca produzir o simbólico, "criando possibilidades de inscrições representacionais às vivências do caos" (p. 257); este seria o aspecto positivo da pulsão de morte, ligado evidentemente à função elaborativa da compulsão à repetição. No *fort-da*, a ruptura da mãe com a criança ganha possibilidade de representação-simbolização, o que implica em "amarrar o acontecimento ao nível do simbólico" (p. 258); a pulsão de morte integra a "forma-movimento" do aconte-

cimento, como marca, no universo representacional.

A abordagem de Luís Carlos Menezes evidencia, de modo cabal, a interdependência entre metapsicologia e clínica que caracteriza o saber psicanalítico. A escrita de *Além do princípio do prazer* teria sido estimulada pelas dificuldades das primeiras análises conduzidas com pacientes *boderline* - patologias narcísicas ou de caráter - e seria uma tentativa de recorrer à "feiticeira metapsicologia" a fim de encontrar respostas para os impasses aí surgidos. Trabalhando na companhia de alguns autores pós-freudianos (Pontalis e Zaltzman, entre outros), Menezes desenha com precisão e elegância de estilo o essencial da problemática "técnica" nas análises "aquém" do campo da psiconeu-

*fort-da*: do jogo com o carretel à emergência da fala constitui-se o "jogo com as palavras". Há aqui, pois, uma ampliação da psicanálise que passa a ressaltar a importância do outro ou da "resposta materna"; mas - e isto o autor reafirma em várias passagens de sua exposição, como uma advertência - o texto do *Além...* não marca o abandono do que não está além: o trabalho do analista é com a linguagem. É preciso passar pelas palavras, e este é o fundamento do método, "qualquer que seja a elasticidade do fazer clínico" (p. 273).

É bastante chamativo o destaque dado, nas duas exposições, ao exemplo da brincadeira do menino com o carretel, que ganha o estatuto de modelo ou de metáfora de referência do trabalho analítico. Tra-

"Nas análises *aquém* do campo da neurose, está em causa uma dimensão da vida psíquica onde o objeto tem valência de necessidade não-erótica".

rose. Nestas, está em causa uma "dimensão da vida psíquica onde o objeto tem uma valência de necessidade não erótica" (Zaltzman *apud* Menezes, p. 264), e nelas "o método analítico, o trabalho de ir e vir do tear associativo-interpretativo de ligação-desligação, se mostra inoperante" (p. 269). A função analítica seria reencontrada no trabalho de *ligação* que, se começa com o gesto, culminará, em uma etapa final, na ligação através da palavra, o que fica evidente no protótipo do

ta-se de mais uma metáfora, ou, realmente, de um novo modelo? Podemos facilmente cair em uma discussão estéril sobre se o texto de 1920 representa ou não uma "revolução metapsicológica"; o que se pode dizer com segurança é que uma nova problemática clínica - pacientes com falhas psíquicas arcaicas ou momentos de análise em que falhas de tal natureza emergem e uma nova região metapsicológica aquela concernente à natureza da gênese mesma do trabalho psíqui-

co de simbolização - começa a partir deste momento ser mais enfaticamente colocada em foco. A partir deste texto, passamos a repensar o fazer psicanalítico nas situações clínicas em que falha a função do sonho.

## Reflexão

“O que vê o bebê quando ele olha para o rosto da mãe?” Esta frase de Winnicott<sup>7</sup> latejava em meu pensamento enquanto trabalhava sobre *Freud: um ciclo de leituras*. A frase é parte de um artigo dedicado à “função de espelho” do rosto da mãe para um bebê que começa a olhar o mundo; trata-se de um diálogo fecundo e instigante com o trabalho de Lacan sobre o “estágio do espelho”. A resposta dada por Winnicott à pergunta é: comumente, ele vê a si mesmo - *himself* - ou poderíamos acrescentar: o seu *self*. A mãe está olhando (*looking at*) seu bebê, e ao quê ela se parece (*looks like*) está relacionado com o que ela então vê. Quando a mãe que olha está de fato cuidando, o seu rosto é como um espelho: ele tem o dom de refletir o *self* do bebê.

Esta outra conotação da palavra *reflexão* - além daquela referida a um “pensar sobre” - é que em mim ressoava em relação ao trabalho possível a partir do livro. Mais do que refletir sobre - analisar, interpretar, avaliar ou criticar - propunha-me a servir como espelho, como superfície na qual pudesse se esboçar uma imagem: um esboço de imagem do gesto peculiar de um corpo institucional. Esta “frase latejante” possibilitou-me encontrar o sentido e a medida possível de minha tarefa. Sem nenhuma pretensão de neutralidade, imparcialidade ou ausência de pessoalidade - uma mãe neutra é uma mãe morta - colocar a minha própria potencialidade de leitura a serviço deste tipo de “reflexão” mostrou-se a atitude adequada ao objetivo proposto: dis-

cutir, a partir do objeto-livro, as leituras de Freud realizadas no Departamento de Psicanálise do Sedes. Que imagem estaria aqui se formando?

A resposta já foi dada no próprio processo de reconstituir o percurso do ciclo através do livro, visitando as diversas mesas, acrescentando um comentário ou uma impressão pessoal, ligando - por uma “compulsão” inevitável - o que foi dito com a mesa anterior ou com o que virá adiante, mas procurando ao mesmo tempo manter o “respeito ao segredo”, na esperança de que a ressonância do dito pudesse esboçar, na superfície do espelho, o seu desenho singular. Sem qualquer intenção de forçar para dentro deste “corpo institucional” uma unidade forjada, uma imagem de Eu ideal e alienante, prefiro manter sobre o objeto uma certa imagem imprecisa e fugidia, buscando permanecer com um pé ainda dentro do que Winnicott denominou “área do informe”.<sup>8</sup>

Podemos, a partir deste “espírito de leitura”, lançar mais um olhar sobre o livro.

Existem muitas maneiras de percorrer estes diversos textos, mesas e leituras, buscando nexos, ligações, oposições, complementariedades, diferenças e semelhanças de concepção. A última mesa parece requerer uma volta à primeira, pois ressignifica de modo contundente a frase de Freud “lástima que não se possa viver interpretando sonhos!” (citada por Cromberg, p. 14), endereçada a Fliess na carta 69. Esta frase, nostálgica mas bem-humorada, ganha uma face sombria à luz do texto de 1920. *Além do princípio do prazer* trata justamente de quando o sonhar-interpretar-viver fica impossibilitado. Assim, do vasto panorama vislumbrado por Freud ao atingir o alto da montanha no início do capítulo III da *Interpretação dos sonhos* - figuração retomada de maneira rica por Cromberg, ao lembrar-nos de um Freud no

“ápice de seu esplêndido isolamento” (p. 13) - podemos ter agora uma visão algo mais nítida, mesmo que sempre e necessariamente envolta em brumas.

Partimos da instauração de um método e de um paradigma para a situação clínica - o sonho - e seguimos acompanhando a consolidação de uma concepção sobre a constituição do sujeito na interface sexualidade/cultura que a pulsão en-

Propunha-me a servir  
como espelho, como  
superfície na qual  
pudesse se esboçar  
uma imagem.

quanto conceito-limite parece indicar. Nos interstícios de uma primeira teoria da pulsão, encontramos uma complexa teoria da memória que tem como implicação uma disruptiva concepção de temporalidade, e o sempre difícil tema da sublimação como figuração das possíveis saídas criativas diante do incontornável conflito pulsão/recalcamento. As clínicas da neurose obsessiva e da melancolia parecem trazer subsídios fundamentais para uma região metapsicológica intermediária, que irá impulsionar a teoria do narcisismo e abrir o caminho da segunda tópica: atesta-o o fato de que ambas as estruturas clínicas “se encontram” no último

capítulo de “O ego e o id”, justamente para evidenciar a ferocidade e a destrutividade do superego. O impacto estético da experiência do melancólico - na borda entre a vida e a morte - já anuncia o caldo metapsicológico da década de vinte, exemplarmente trabalhado nas últimas duas mesas.

A do “estranho familiar” - que surpreende pelo que traz de revelações e de riqueza, justamente por anteceder a da pulsão de morte - tem o grande mérito de mostrar que “o *unheimliche* é constituinte mesmo do ser analista” (Chnaiderman, p. 238), cuja função, muitas vezes, fica no limite entre experiência violenta de loucura e experiência estética de um desmanchamento que cria.

E, por último, a mesa da pulsão de morte indica o limite do representável, a falha da função onírica e as fraturas na constituição do ser humano de linguagem, realidades clínicas inquestionáveis que Freud quis figurar pela face sinistra da Morte: o irrepresentável no inconsciente, mas que anuncia dramaticamente que os deuses “imortais” que são os desejos inconscientes, força propulsora da fábrica dos sonhos, também terão o seu dia... Pulsão de morte - sinalização do fim e do eterno recomeço - que assim nos instiga a revisitar a teoria dos sonhos: como era mesmo aquele primeiro “quadro” que vimos nesta panorâmica?<sup>9</sup>

### Leituras de Freud

Para concluir, nos dirigimos para a questão: como lemos Freud?

A psicanálise é uma área do saber *sui generis* em diversos aspectos, e um que pode ser colocado em destaque é o lugar nela ocupado pela obra de Freud, seu fundador. Voltar a ler o que escreveu o iniciador da psicanálise pode nos ajudar a saber “como tudo começou”; desta forma, estaríamos mo-

vidos por um interesse histórico. Mas tudo indica que podemos tirar, das leituras de Freud, muito mais frutos do que estes.

Um analista, quando lê Freud, busca em geral subsídios - nas descrições de problemáticas clínicas e nas respostas conceituais por ele propostas para tais problemáticas - para a sua própria prática clínica. Estes subsídios, por seu turno, podem ser buscados em diversos âmbitos: em uma teoria psicopatológica que auxilie na compreensão dos eixos básicos do funcionamento psíquico de seus pacientes, em um

uma área de sobre-posição e de indeterminação entre “observação do sujeito” e “natureza do objeto” que sugere uma rica dialética na relação analista-analisando, muito distante de um reducionismo defensivamente confortável. De qualquer maneira, é hoje difícil trabalhar ingenuamente com a idéia de “realidade” clínica, dado o tratamento dado pela psicanálise - e pela filosofia em geral - à noção de “realidade”. Mesmo considerando as mudanças dos tempos, podemos trabalhar não apenas com o que lemos em Freud, mas também e es-

Como lemos Freud? Desejamos fazer com ele, como ele e através dele - em um ato de criação - a clínica psicanalítica. Trata-se de um universo de paixão, no qual a palavra-chave é *transferência*.

modelo de sujeito psíquico que oriente sua prática clínica, e na formulação direta ou indireta de um método de trabalho particular que caracteriza a psicanálise.

Aqui, de imediato, surge a dúvida de se, hoje, a nossa realidade clínica é a mesma da época de Freud. Como afirmou Green, “o que mudara desde Freud era provavelmente menos a população de analisandos que o modo dos analistas os escutarem”<sup>10</sup>, o que no seu caso implicava em estar mais sensível aos conflitos carregados de potencial arcaico, aos processos de simbolização e ao problema da ausência do objeto. Isto posto, “não se pode excluir o fato de que se encontram bem menos neuróticos que no tempo de Freud” (Idem). Ora, há aqui

sencialmente com o que lemos *com* Freud ou *através de* sua obra: como podemos hoje ver a realidade através de Freud, e o que vemos de Freud através da nossa realidade. Há que se considerar, pois, o interjogo complexo entre passado e presente, ou entre texto freudiano e “realidade” clínica atual.

Por outro lado, Freud sempre ocupa um lugar especial na vida imaginativa de todo analista. Como bem apontou Mezan, Freud pode figurar de diversas maneiras no universo de representações do analista, seja como modelo, como objeto, como apoio ou como adversário<sup>11</sup>; isto nos faz considerar também nas “leituras” a relação subjetiva que cada um de nós estabelece com Freud. Creio que há aqui um “espí-

rito freudiano” a ser considerado. Lemos Freud para adentrar no e ao mesmo tempo ser incorporado por este “espírito”. Desejamos fazer com ele, como ele e através dele - em um ato de criação - a clínica psicanalítica. Neste âmbito, psicopatologia, modelo de psiquismo e método estariam incluídos, mas haveria um “algo a mais” que transcende uma relação racional e científica com o texto: trata-se do universo da paixão, no qual a palavra-chave é *transferência*.

Esta trata da relação hipnótica, sugestiva, identifiicante e ao mesmo tempo curativa que o “espírito freudiano” teve a generosidade de oferecer à cultura como instrumento de conhecimento. Queremos saber das idéias de Freud e do homem Freud; queremos ler vida e obra, interpretação e sonho; temos uma “curiosidade infantil” por seus interesses, desejos e segredos; nos entusiasmos por suas conquistas, e nos decepçamos por suas fraquezas... Não há possibilidade de um psicanalista fazer uma leitura de Freud que não seja *em transferência*.

E o que podemos pensar, a partir de uma “reflexão” sobre o livro, a respeito do “ler Freud”?

É preciso levar em conta, dada a “teoria da memória” construída pela psicanálise, como esta nos auxilia a compreender o trabalho de leitura de Freud. Como formamos uma “lembrança” de seu texto - no sentido do modelo de “Lembranças encobridoras” - para nosso próprio proveito? Aliás, que memória conservamos de Freud, senão aquela que reconstruímos através de nossas cenas vividas na atualidade - nossa clínica, nossas experiências pessoais, nossas identificações e contra-identificações nos agrupamentos analíticos? Ler: um olhar que, com a pulsão de conhecer, com a sede de saber da investigação sexual infantil e com a “escuta por imagens”, fecunda a obra-objeto da pulsão de todo analista em forma-

ção contínua, ou seja, a obra de Freud; este é o trabalho de Eros, que vemos tecido com delicadeza e empenho ao longo de todo o livro. Mas cabe também um questionamento: não pode a “memória” de Freud se tornar uma lembrança encobridora, aquela que “encobre a quebra da temporalidade e da causalidade presentes na fusão das cenas e na mistura dos tempos” (Alonso, p. 118)? Neste sentido, poderíamos pensar: haveria alguma cena atual que retroagimos para a “infância” de nossa disciplina - o “tempo de formação” da psicanálise - a título de defesa de um “Eu psicanalítico” ameaçado?

Uma reflexão mais cuidada do livro revela uma proposta de leitura de Freud que guarda uma dimensão estética, e que está necessariamente imbricada com a cultura.<sup>12</sup> Seja na companhia de Goethe ou de Shakespeare, de Hoffmann ou de Maupassant, de Calvino ou de Artemidoro, trata-se de sustentar uma relação paradoxal de estranhamento e de familiaridade com a obra freudiana, percorrendo um contínuo ziguezague entre angústia desagregadora e revelação sublime, na qual o limite da interpretação deve ser sempre reconhecido e respeitado; em suma, “um pensar que contém suas próprias pausas”. Em outra direção, o mesmo ziguezague pode ser colocado em termos da oscilação entre o reconhecimento do caráter estruturante do complexo de Édipo e a necessidade de considerar uma outra área do psiquismo - revelada pelo trabalho com a sexualidade feminina - não exclusivamente organizada pelo falo. Seja no umbigo do sonho, seja no “continente negro” ou seja naquilo que está além do princípio do prazer, há uma “estrangeiridade” da obra a ser conservada e, na sua contra-face, um risco sempre presente de “familiarização” empobrecedora. Se em todo trabalho interpretativo encontramos uma “compulsão em ligar”, é porque sempre existe um

resto, uma Coisa, um algo traumático irreduzível que tem sido em diversas ocasiões figurado pela face sombria da “morte”, este sono eterno sem sonhos. ■

## NOTAS

1. S. L. Alonso e A. M. S. Leal (orgs.), *Freud: um ciclo de leituras*, São Paulo, Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae Escuta/Fapesp, 1997.
2. Um resumo dos comentários que se seguem sobre o livro se encontra em D. Gurfinkel - “Por que ler o clássico”, resenha do mesmo publicada na revista *Psicanálise e Universidade* nº 8, São Paulo, 1998, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Sobre o livro, consultar também as resenhas de Emílio Rodrigué e de Daniel Delouya: E. Rodrigué, “Navegando Freud”, *Percurso* nº 19, São Paulo, 1997, p. 98-100; e D. Delouya, “O texto que insiste ou a insistência sobre Freud”, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* vol. 1 - nº1, São Paulo, 1998, p. 158-162.
3. Todas as citações deste artigo sem indicação da fonte referir-se-ão ao livro *Freud: um ciclo de leituras* e, quando não se menciona o autor, é por que se trata daquele que escreveu o capítulo que está sendo discutido.
4. E. Rodrigué, *op. cit.*, p. 100.
5. G. Maupassant, *Le Horla*, Éditions Carrefour, 1994, p. 11.
6. G. Maupassant, *op. cit.*, p. 19-20.
7. D. W. Winnicott, “Mirror-role of mother and family in child development”, in: *Playing and reality*, Londres/Nova York, Routledge, 1996, p. 112.
8. D. W. Winnicott, “Dreaming, fantasizing, and living: a case-history describing a primary dissociation”, in: *Playing and reality*, *op. cit.*, p. 33.
9. Conforme se expressou Delouya, estamos, no Departamento, diante de um “freudismo consolidado” (D. Delouya, *op. cit.*, p. 158).
10. A. Green, “Introdução” de *Sobre a loucura pessoal*, Rio de Janeiro, Imago, 1988, p. 17.
11. R. Mezan, “O baú de Freud”, in: *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise*, São Paulo, Brasiliense, 1988. Vale lembrar que Mezan produziu uma obra vasta na qual “ler Freud” é uma temática com presença marcante - como é o caso do trabalho aqui citado - e que, apesar de não ter participado do livro aqui discutido na forma de uma exposição individual, deve ser obrigatoriamente visitado ao tratarmos de “leitores” de Freud no Departamento. Sua obra - e o tratamento que dá ao texto freudiano - transcende naturalmente o âmbito desta instituição, mas certamente já se encontra inscrita enquanto um dos traços marcantes deste “corpo institucional”.
12. Neste sentido, não me parece casual que o ciclo de debates que houve no Departamento após o ciclo “Leituras de Freud” foi justamente o evento “Acontecimento estético na clínica psicanalítica”, organizado por Daniel Delouya e Mara Selaipe, ocorrido em setembro de 1996. Penso que, assim como o ciclo anterior, este merece também uma publicação em livro, dado o interesse e a importância da temática, bem como a qualidade e a riqueza das contribuições dos expositores e dos debates.